

Ideias

Nichos de actividade dão resposta à crise em Portugal

ECONOMISTA E CONSULTOR, JACK SOIFER EXPLICA COMO PODE CRIAR-SE QUASE 150 MIL EMPREGOS NO PAÍS EXPLORANDO DEVIDAMENTE ÁREAS DE ACTIVIDADE ESQUECIDAS, DE NORTE A SUL DO PAÍS

Erika Nunes

Jack Soifer, consultor de renome internacional, está a publicar um conjunto de livros que explica como criar riqueza com o que temos em Portugal. E alerta que os fundos do QREN estão a ser aplicados “fora” do país.

Já viveu numa dúzia de países, tem nacionalidade brasileira e sueca e tem feito consultoria a centenas de empresas em todo o Mundo. Jack Soifer lançou, recentemente, na AIP, o primeiro dos quatro livros que explicam “Como sair da crise”, do Algarve e Alentejo (livro A), onde habita actual e permanentemente, ao Baixo Tejo e Beiras (livro B, a sair no final de Janeiro), passando pelo Centro e Cumes (livro C) e Douro (livro D), ambos a serem lançados em Maio de 2010. Na verdade, estimula a economia pois tende a comprar produtos locais, ao passo que os que ganham mais compram artigos importados, que penalizam a nossa balança comercial”, diz Jack Soifer.

“Sempre me interessei pelo debate de ideias e nunca tive medo de vestir o fato-de-macaco para aprender a fazer as coisas a partir do nível mais baixo. Sou especialista em Turismo porque comecei nessa área por lavar pratos. Se calhar, há muitos gestores que precisavam de lavar pratos para perceber mais do seu negócio”, diz o engenheiro técnico brasileiro, mais tarde licenciado em Sociologia, Gestão e Economia, na Suécia.

Deixar falir as multinacionais

“Como sair da crise” não é um livro teórico, tal como o autor insiste que só a prática leva ao conhecimento. O volume A inclui sugestões de investimento desde a Pesca e Aquacultura, até à indústria naval, à agroindústria, passando pela extração de metais, o webdesign ou a área de “wellness” no Turismo.

“A minha estimativa, baseada em opiniões de especialistas de muitas áreas, que fui conhecendo em todo o Mundo, são números concretos que podem ser atingidos com pouca margem de erro”, afiança o especialista, que já trabalhou em 38 sectores diferentes, incluindo o Banco Mundial, UNESCO e, em 2003, pertenceu ao Conselho de Desenvolvimento Económico brasileiro. “Só que esta crise é tão grave que a iniciativa não pode partir só de “cima”, do Governo,



Jack Soifer é brasileiro-sueco, vive em Portugal e já trabalhou para o Banco Mundial e UNESCO

nem só da iniciativa de privados – tem de partir dos dois lados”, alerta. E não será difícil, pois acredita que “não são precisos apoios, nem subsídios a fundo perdido, basta não haver entraves”.

●●●
Quem ganha mais de 800€ tende a consumir produtos importados

“É um erro falar-se em aumento de impostos quando quem deve ser penalizado, nesta crise, não é quem ganha 500 euros”, avisa, ainda. “Há estudos que indicam que quem ganha até 800€ mensais, na verdade, estimula a economia pois tende a comprar produtos locais, ao passo que os que ganham mais compram artigos importados, que penalizam a nossa balança comercial”, diz Jack Soifer.

De modo semelhante, o consultor explica que “alguns fundos do QREN não estão a beneficiar em nada Portugal, pois

apenas permitem dedicar até 30% para reforço de tesouraria, quando deveria ser 80% – para que as empresas possam consolidar-se, e não para comprarem máquinas que são fabricadas no estrangeiro e vão substituir vários trabalhadores nacionais e, assim, criar mais desemprego”.

Portugal, afinal, “não precisa de novas leis, só precisa de novas práticas”, e, como diz o septuagenário Jack Soifer, “quando o Governo quiser sentar-se conosco, os humildes com experiência transsectorial, podemos ensinar como sair da crise”.

BRUNO PIRES

Da favela para a vida e o Mundo

Jack Soifer
CONSULTOR DE EMPRESAS

A vida de Jack Soifer dava um filme (e com várias sequelas). Nascido numa favela do Rio de Janeiro, filho de pai russo e mãe moldava, Jack Soifer ficou órfão de pai muito cedo e começou a trabalhar aos 11 anos, enquanto frequentava a escola oficial. “De manhã, ia para a escola a correr e a comer uma sanduíche, mal acabavam as aulas ia para a fábrica (controlo de qualidade numa fundição), a correr e a comer outra sanduíche, e, à noite, tirava cursos de dactilografia, contabilidade, tudo o que aparecesse”, recorda Jack Soifer. Ávido por saber e por tudo o que o rodeia, interessou-se por cinema e fez parte da fundação do primeiro cine-club do Rio de Janeiro. O que deu origem a querer estagiar com Ingrid Bergman e, assim, partiu para a Suécia, em 1959. Apesar de já estar formado em Engenharia Técnica, ainda lavou pratos para se sustentar enquanto aprendia cinema, mas depressa chegou a assistente de realização e outros contactos surgiram na área da consultoria de empresas. “Num dia, estava a desmontar um motor e tomei banho de óleo; no dia seguinte, numa recepção de Estado, o primeiro-ministro da Tanzânia disse a Olaf Palm, então primeiro-ministro da Suécia, que eu era um dos três suecos que mais tinham feito pelo país”, lembra Jack Soifer. Sempre humilde, sempre ávido de aprender mais e de partilhar e discutir ideias, ainda hoje, Jack Soifer veste o fato-de-macaco para apre(nder) a vida que, nos seus mais de 70 anos, não o deixa parar. “Se não, de que valia?”, diz.